

Sonia Eva Tucherman*

Setting bem-humorado

O convite ao mergulho na turbulência do vórtice remete, imediatamente, à perturbação, à desordem, aos elementos presentes no Humor que, por sua vez, é indisciplinado e transgressor per se. A introdução de tal ingrediente na relação analítica já foi considerada, no passado, transgressão no *setting* psicanalítico. Felizmente, estamos há algum tempo em outros tempos. Abstinência, neutralidade, *setting* vêm sendo redesenhados em traços e cores contemporâneos. Inflexibilidade foi, aos poucos, dando lugar ao espírito questionador, reflexivo, libertador e fiel ao destino original da psicanálise, e assim, chegamos aonde Freud queria nos levar. Psicanálise e humor estão costurados com fio consistente, inquebrantável.

Relato aqui uma vinheta clínica que poderá me auxiliar na transmissão de um ponto de vista sobre a relevância do senso de humor no processo psicanalítico pelo que representa na história de vida primitiva do sujeito.

Lara é dona de boutique e não alcança o sucesso almejado. Segundo ela, os motivos do fracasso se devem ao “azar que lhe persegue”. É atormentada pela inveja dos que têm “sorte na vida”; lista nomes de pessoas que considera privilegiadas contabilizando os rendimentos alheios. Fantasias sobre mim e sentimentos experimentados são evidentes e já foram foco de conversas entre nós, porém, facilmente se

estabelece um clima persecutório que obriga a reorientar a conversa. Um dia, Lara se estendia na descrição dos lucros do marido e pensei em lhe contar uma história:

Jacó e Isac moravam em uma aldeia e ambos eram donos de sapatarias, uma loja vizinha da outra. Jacó ia bem em seu comércio enquanto Isaque afundava em prejuízos. Isac foi então procurar o rabino para que o aconselhasse e lhe contou:

–Veja como são as coisas, rabino. Fico na porta prestando atenção na loja do Jacó e noto que a cada hora entram cinco fregueses; de cada cinco, três compram sapatos; destes três, dois pagam a prazo e, quando voltam para pagar, a metade compra mais um par. Enquanto isso, na minha loja não entra ninguém.

O rabino diz então para Isac:

–É muito fácil entender esse problema. Há duas pessoas tomando conta da loja do Jacó, ele e você. E da sua loja não tem ninguém tomando conta.

Lara dá um leve sorriso – desarmado de defesas e com nuance de tristeza, com as tintas do humor descrito por Freud em *O humor* (1927/1974) – e, após um breve silêncio, comenta que entendeu o recado abrindo uma porta que se mantinha defensivamente lacrada.

Esta vinheta tem a presença do senso de humor na intervenção analítica promovendo uma facilitação da conversa analítica no encontro da dupla, pois parece amortecer o impacto que a interpretação provoca na estrutura da personalidade do paciente. No entanto, o

enquadre e me tirar do lugar de analista. Freud (1905/1986) descobre no humor um *processo alto*¹ (p. 221) independente de propósitos conscientes, tanto em quem o gera como em quem o recebe. Associo o termo *achocolatado* com a expressão “dar la lata”², ou seja, ser inoportuno, e neste caso para se esquivar de se analisar. Esse jogo de palavras me dava a entender que, inclusive quando queria se aproximar de mim, lhe era difícil. Assim, tentava me distrair ao mesmo tempo que me envolvia. Tecnicamente, me propôs o interrogante de como intervir para sair de uma situação fática e atender ao mais interno, sua vulnerabilidade, para que ele pudesse ter uma visão própria do que estava ocorrendo e, ao mesmo tempo, do que estava se esquivando. Como bem dizia Bion (1975/1992), “a preocupação do paciente consiste em procurar ter uma análise sem sofrimento”³ (p. 45).

Ao buscar exemplos de situações clínicas nas que utilizei o humor, surgiam, em primeiro lugar, situações com conteúdos sexuais. Será que a sexualidade ainda continua sendo algo espinhoso para tratar “a sério”? Mediado pelo humor, pode se dizer o que incomoda e o analista pode interpretar o material que subjaz.

P: Bom, eu sou lenta, sempre fui, mas ele agora....

A: Ele agora, o quê?

P: E... Às vezes não arranca...

A: Será questão de pilha...

P: *Ha, ha!* Uma pilha de anos!

A: Bardahaaal! [Digo acentuando o som tal como soava um jingle publicitário que promovia um aditivo otimizador e energizante para o motor dos automóveis].

P: [Ri com vontade]. Será preciso recarregar a pilha com uma de longa duração! *Ha, ha!*

A uma outra paciente, que expressava sua angústia por sua escassa experiência sexual e que se queixava de sua situação em comparação com a de suas amigas, eu disse: “Você não será Catarina A Grande, mas também não é a Virgem

Maria! ”. Riu, enquanto se debatia em uma ambiguidade de ansiar uma vida erótica profusa, ainda que a horrorizava só de pensar porque era portadora de frustrações e sofrimentos relacionados com situações infantis traumáticas.

Para essa mesma paciente, que em outra oportunidade, reiterava sobre o mesmo assunto, narrei um conto que no final dizia: “Será normal para você, que é médico em Madri, mas não para mim, que sou bispo de Pamplona”.

Em psicanálise o bom senso é o que não contradiz que “ao pão, pão, e ao queijo, queijo”.

Referências

Bion, W. R. (1992). Brasília. Em F. Bion (comp.), *Seminários clínicos y cuatro textos* (pp. 41-45). Buenos Aires: Lugar. (Trabalho original publicado em 1975).

Freud, S. (1986). El chiste y su relación con el inconciente. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 8). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).

Peicovich, E. (30 de setembro de 2001). REP: La utopía de un niño emperrado. *La Nación*. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/lifestyle/rep-la-utopia-de-un-nino-emperrado-nid212489/>

Quino (1989). *Quinoterapia*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor. (Trabalho original publicado em 1985).

Rep (29 de junho de 1993). Gaspar, el revolú [tira cômica].

Página 12, 32.

1. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 153 de: Freud, S. (1996). Os chistes e sua relação com o inconsciente. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 8). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/VaDIaPT>

2. N. do T.: Expressão que significa importunar.

3. N. do T.: Tradução livre.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

que imprime a esse encontro bem-humorado sua marca peculiar? E... o que faz com que o humor possa ser considerado um valioso instrumento na prática clínica?

Considerando que *setting* e mente do analista acabam por se confundir, como diz Meltzer (1971), o método analítico estará sendo sustentado pela flexibilidade psíquica do analista, seja através de uma interpretação dita completa, seja por uma intervenção sutil, silêncio, gesto, som, chiste, historieta – ocasião em que há conteúdo e forma, e um paciente pode se sentir embalado pelo tom de voz do analista, ou oniricamente enlevado pela narração de uma história – . Tal encantamento agregado ao elemento humor confere ao habitat psíquico uma coloração peculiar e engendra certa especificidade ao encontro da dupla, momento de encontro humorado.

Quando Freud nos ensina que é preciso buscar na infância a raiz do humor, não tem dúvidas quanto ao significado e a importância do sorriso do bebê. É ele quem diz em nota de rodapé em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (Freud, 1905/1977):

O tema da explicação fisiológica do riso – isto é, o rastreamento ou a interpretação das ações musculares características do riso – tem sido extensamente tratado antes e depois de Darwin, mas não foi ainda finalmente esclarecido. Tenho uma contribuição a fazer a esse tema. O quanto sei, o esgar característico do sorriso, a torção dos cantos da boca, aparece primeiro na criança de peito quando, satisfeita e saciada, abandona o seio e cai adormecida. Essa é uma genuína expressão das emoções pois corresponde à decisão de não mais se alimentar e representa algo como “é suficiente” ou até um “é mais que suficiente”. O significado original da agradável saciedade pode ter levado ao sorriso, que é afinal o fenômeno básico do riso, à posterior relação com os processos agradáveis de descarga. (p. 170)

Esse acurado comentário de Freud pode ser comprovado por inúmeros relatos de observações da relação mãe-bebê feitos por alunos do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), assim como a transformação no bebê de um estado de angústia em serenidade pela intervenção de

uma fala sorridente da mãe. Parece uma ilustração clara do que nos diz Bion (1970/1994) a respeito da *rêverie* e função alfa, sendo que a postura emocional materna surge adornada por um sorriso amoroso o que empresta a tal experiência uma marca especialíssima; merecendo, no meu entender, particular atenção. A fim de diferenciá-las utilizo a denominação “encontros sorridentes” para aqueles em que a *rêverie* materna é permeada por sorrisos (Tucherman, setembro de 2011).

Penso que na situação relatada na vinheta clínica e outras similares há vivências humoradas transformadoras que se assemelham aos “encontros sorridentes” primitivos experimentados na relação transferencial.

Talvez sorrisos trocados entre os pares mãe/bebê e analista/paciente nesses encontros bem-humorados sejam introjetados como bons objetos e talvez possam ser considerados como matrizes do senso de humor, quer dizer, talvez possam vir a constituir posteriormente o senso de humor ao qual o indivíduo poderá recorrer quando necessitar reencontrar internamente a mãe confortadora. Talvez quando, inconscientemente, fizer uma incursão a seu reservatório de vida em busca de auxílio para suportar alguma dor – vicissitude inevitável da vida – o indivíduo seja capaz de dispor do humor enquanto oferece a si mesmo a continência necessária para pensar, sua mente servindo-lhe de *setting* interno especialmente favorável à reflexão.

Enfim, penso que o analista deve se oferecer para o paciente como um habitat, e se este estiver ornamentado com senso de humor temperado adequadamente a cada pessoa e, oferecido em momento oportuno, a dupla poderá ter o privilégio de experimentar uma vivência única com grande potencial transformador, como foram todos os primitivos encontros sorridentes de nossas mais tenras infâncias.

Referências

- Bion, W. R. (1994). Uma teoria sobre o pensar. Em W. R. Bion, *Estudos psicanalíticos revisados: Second thoughts* (pp. 127-137). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).
- Freud, S. (1974). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1977). Os chistes e sua relação com o inconsciente. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 8). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Meltzer, D. (1971). *O processo psicanalítico: Da criança ao adulto*. Rio de Janeiro: Imago.
- Tucherman, S. E. (setembro de 2011). *Setting bem-humorado*. Trabalho apresentado no 23º Congresso Brasileiro de Psicanálise, Ribeirão Preto.

